

A CIVILIZAÇÃO INTERIORIZADA

*Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior**

RESUMO

O propósito deste artigo é discutir o processo de conformação sócio-econômica da região do Triângulo Mineiro, procurando demonstrar de um lado a sua integração ao quadro mais geral de formação do capitalismo, e de outro a utilização da mão-de-obra escrava como expressão da capacidade da atividade de subsistência em auto-reproduzir-se.

PALAVRAS-CHAVE: escravidão, colonização, Triângulo Mineiro.

ABSTRACT

The aim of this article is discussing the process of social-economical confirmation of Triângulo Mineiro region searching to show in one hand its integration to the formations of capitalism in general, and in the other hand the utilization of working slave as an expression to the capacity of activity of subsistence in reproducing from oneself.

KEYWORDS: slavery, colonization, Triângulo Mineiro.

* Doutorando em História pela UnB; Mestre em História pela PUC-SP.

Diversas causas têm obstado aos maiores progressos da agricultura: o serem empregados nos trabalhos, escravos pretos e pardos que não se interessando no melhoramento e prosperidade de seus senhores, só tratam de cumprir sem zelo o serviço que se lhes determina para evitarem castigos rigorosos.¹

Entre Cayapós e quilombolas

A segunda metade do século XIX é um momento importante de transformações da sociedade brasileira, marcado pela mudança nas relações de produção e regime de trabalho, anunciado, em 1850, pela extinção legal do tráfico internacional de escravos e pela lei de Terras. A cidade de Uberaba não ficará imune a essas mudanças, ao mesmo tempo em que se configurará como um dos centros urbanos mais importantes na região do Triângulo Mineiro.

Entretanto, se a colonização da região adquiriu contornos sólidos nos Oitocentos, ela possui raízes um tanto mais profundas, que a ligam à história da procura e descoberta de ouro e diamante empreendida nos séculos anteriores.

De início, no Triângulo Mineiro, não foram encontrados metais e pedras preciosas. Apenas no século XVIII a região de Desemboque, a sudoeste do Triângulo Mineiro, consolidar-se-ia como área de mineração. Contudo, desde muito cedo, esse território tornou-se ponto de passagem das bandeiras e entradas que se dirigiam, principalmente, a Goiás e Mato Grosso.

Região ligada à Capitania de Goiás, durante metade do século XVIII e início do XIX, o Triângulo foi habitado nos primórdios principalmente pelos índios Cayapós. Não demorou muito para que os

¹ MATOS, José Raimundo Cunha. *Corografia histórica da província de Minas Gerais (1837)*. São Paulo: Edusp, 1981, p. 293

“selvagens”, na expressão de Hildebrando Pontes², se apresentassem como empecilho aos objetivos da atividade de comércio, colonização e mineração, em virtude de seus ataques às expedições passantes, tornando-a uma região temida.

Desde o início do século XVIII, os Cayapós eram considerados pelas autoridades coloniais como o grupo mais hostil aos brancos, como atesta Giralдин: *De fato, os ataques dos Cayapós eram tidos como extremamente violentos (...) eles não deixavam de matar o que fosse possível alcançar.*³

As lutas e resistências empreendidas pelos índios cayapós contra a invasão de seu território contribuíram, entre outras coisas, para que se produzissem incorreções sobre sua cultura, como o de atribuir-lhes o ritual da antropofagia, inexistente entre os povos de língua Jê.⁴ O fato de, nos ataques, os seus adversários não serem feitos reféns e, sempre que possível, serem mortos, deve ser entendido no interior de seu próprio contexto cultural.

Em primeiro lugar, estavam em contato com um 'inimigo' (hi, pe ou kahen) o qual pertencia a uma categoria que era definida como hostil e portanto deveria ser morta. segundo, porque ao combater os inimigos, eles lhes forneciam bens como a bravura necessária para que os homens pudessem realizar as cerimônias de escarificação de peito e costa, e perfuração de lábios e olhos e tornar-se o homem 'bravo', capaz de provocar dor nas mulheres através de relações sexuais, a partir das quais as mulheres ficariam 'tristes' podendo engravidar. terceiro, os inimigos eram fontes de bens materiais, como plantas, armas, etc., bens estes que mitologicamente, foram deles apropriados. podemos acreditar então que os panará continuavam praticando a aquisição de bens, recriando historicamente a ação mitológica. quarto, estavam também vingando seus mortos, os as pessoas capturadas pelos 'brancos'. finalmente não faziam

² Cf. PONTES, Hildebrando. *História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central*. Uberaba: Edição Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1970.

³ Cf. GIRALDIN, Odair. *Cayapó e Paraná. Luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil Central*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997, p. 46-47.

⁴ *Ibidem*, p. 47.

cativos os seus inimigos porque não havia a possibilidade desses serem incorporados em seus grupos de descendência 'especial' ou 'clãs'.⁵

Não obstante, toda a elaboração preconceituosa que se construiu sobre os indígenas, no instante mesmo em que os combates se davam, seja pelas autoridades ou observadores estrangeiros entre outros, o fato contribuiu para justificar a presença e as ações dos “brancos” nos territórios indígenas, permitindo, ainda, formular idealmente a imagem daqueles homens “brancos” e, em especial do português, como guerreiros.⁶

As bandeiras e entradas em direção ao Centro-oeste do Brasil resultaram na abertura daquele que ficou conhecido como o *Caminho de Goiás*, estabelecido entre os rios Grande e Paranaíba. No final da primeira metade do século XVIII, os ataques aos Cayapós intensificaram-se e tornaram-se mais organizados. Inicialmente, visando dar segurança ao caminho, mas não escondendo a intenção de pacificação dos índios mediante o aldeamento; a escravização, suprimindo as necessidades de mão-de-obra, particularmente, em Goiás e Mato Grosso; e, finalmente, o extermínio quando necessário.⁷

Para atingir o intento de controlar o caminho de Goiás, Antônio Pires de Campo, chefe de algumas expedições ao Triângulo Mineiro sob as ordens do governo de D. Luís Mascarenhas, chegou mesmo a se utilizar dos índios Bororó, capturados na região de Cuiabá e trazidos a Goiás, onde se criaram aldeamentos ao longo da estrada que se formou, no sentido de protegê-la dos ataques Cayapó.

A presença dos negros organizados em quilombos também foi responsável por uma concentração de esforços administrativos na intenção de destruí-los. Durante o século XVIII, em Minas

⁵ GIRALDIN, O., op. cit., p. 48 et seq.

⁶ Ibidem, p. 51.

⁷ Cf. PONTES, H., op. cit., p.21; GIRALDIN, O., op. cit., p. 56-68, 73-74.

Gerais, foram descobertos e destruídos algo em torno de 160 quilombos.⁸

O quilombo do Ambrósio, segundo Guimarães, possuiu a reputação de ter sido um dos maiores agrupamentos de escravos fugidos das Minas Gerais no século XVIII. Situava-se na região do Triângulo Mineiro e teria sido destruído ainda na primeira metade daquele século.⁹ Entretanto, não foi essa a única experiência quilombola na região. Karasch informa-nos ainda, sobre as investidas promovidas pelo governo de Goiás que, com suas bandeiras, atacou os quilombos na região do rio Araguari.¹⁰ Há também notícias sobre a existência de um quilombo nas terras dos Cayapós, em uma ilha no rio Grande, ao sul da região do Triângulo.¹¹ Saint Hilaire atribui a *descoberta da região onde atualmente se situa Araxá, e a das águas minerais existentes nos seus arredores* aos negros que se refugiaram naquela região.¹²

Mesmo com a destruição do Ambrósio, os negros teriam se reagrupado em quilombos menores na região entre os Rio Grande e Paranaíba, promovendo ataques aos colonos locais e aos

⁸ Cf. GUIMARÃES, Carlos Magno. Mineração, Quilombos e Palmares. Minas Gerais no século XVIII. In: REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Liberdade por um fio. História dos Quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 139-163.

⁹ Ibidem, p. 148.

¹⁰ Cf. KARASCH, Mary. Os quilombos do ouro na Capitânia de Goiás. In: REIS, J. J. & GOMES, F. dos Santos (orgs.). *Liberdade por um fio...*, op. cit., p. 240-262.

¹¹ Sobre o quilombo do Ambrósio, KARASCH afirma: *Segundo a lenda, os jesuítas haviam comprado o negro Ambrósio no mercado negreiro de Valongo, no Rio de Janeiro, e o trouxeram para a aldeia de Tengotengo, no Triângulo Mineiro. Ali deram alforria a ele e à mulher e o deixaram à frente de Tengotengo, que cresceu para "mais de mil" habitantes. Por volta de 1746, Gomes Freire de Andrada se referiu a esse povoado como um quilombo de onde saíram "partidas de vinte e trinta negros que executaram roubos e crudelíssimas mortes". Segundo o historiador goiano do século XIX, José Martins Pereira de Alencastre, "os africanos" [atacados] pela força que contra eles marchava, depois de muitas horas [sete horas] de fogo de parte a parte, com a morte do chefe Ambrósio (...) se dispersaram em grupos pelo sertão e, reunidos depois a outros quilombos, principiaram a incomodar mais seriamente os comboieiros e moradores das circunvizinhanças*. KARASCH, M., op. cit., p. 251.

¹² SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do rio S. Francisco*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia / São Paulo: Edusp, 1975, p. 128.

passantes. Sendo assim, *José Antônio Freire de Andrade fez marchar contra eles muitos partidos de tropas, capitaneados pelos sertanistas Buenos, parentes de Bartolomeu Bueno, que residiam no sertão que medeia entre o Paranaíba, rio das Velhas e o rio Grande.*¹³

A configuração do Triângulo

Desde o século XVIII, a região do Triângulo Mineiro foi se constituindo em importante caminho e, mais tarde, rota comercial entre as capitanias de Goiás, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

As operações militares que adentravam a região foram aos poucos tornando essas terras férteis habitáveis, permitindo, em ritmo lento, mas constante, que elas se tornassem um núcleo abastecedor de importantes centros urbanos circundantes.¹⁴

Todavia, Minas Gerais apenas adquiriu essa conformação territorial hoje conhecida, a partir do início do século XIX, quando, por decreto, D. João VI resolveu transferir os julgados e freguesias de São Domingos do Araxá e Desemboque para a jurisdição da recém criada Comarca de Piracatu (Paracatu) na Capitania de Minas Gerais.¹⁵

¹³ ALENCASTRE, José Martins Pereira de. Anais da Província de Goiás. Brasília: Editora/Gráfica Ipiranga, 1979. Apud KARASCH, M. op. cit., p. 249.

¹⁴ Segundo Iglésias, *essas terras foram devassadas pelos que se afastavam da área das minas logo depois das lutas com os emboabas e as revoltas de 1720.* IGLÉSIAS, Francisco. Minas Gerais. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1997, p. 365-412. No dizer de Pontes, foi-se “*removendo*” um empecilho ao comércio e ao desenvolvimento daquelas sertões. PONTES, H., op. cit., p. 45. Para Brandão, ao contrário, o que ressalta é a *ausência de resistências enraizadas obstando as relações capitalistas de produção*. [portanto] *o terreno estava limpo e fértil para a ocupação capitalista.* BRANDÃO, Carlos. *Capital comercial geopolítica e agroindustrial*. Belo Horizonte, Dissertação (Mestrado), UFMG, 1989, p. 68.

¹⁵ Alvará de 4 de abril de 1816 – Documentos Avulsos - APU. Segundo texto do alvará a justificativa para a transferência da ligação da região do Triângulo Mineiro de Goiás para Minas Gerais se deveu à distância de Araxá e Desemboque à capital

Em 1811, o sargento-mor Eustáquio solicitou à Mesa de Consciência e Ordens a elevação do povoado, que foi se formando à margem do córrego da Lage em torno da Chácara da Boa Vista, à condição de distrito de índios.¹⁶

Anos mais tarde, em 1820, foi criada no distrito a paróquia de Santo Antônio e São Sebastião. Nesse período, o distrito contava com uma população de 1621 habitantes, sendo que, aproximadamente, 60% destes eram negros e mulatos, livres e escravos (ver Tabela I em anexo).

A análise desses dados populacionais relativos ao ano de 1820 revela algumas peculiaridades na formação demográfica e social da cidade de Uberaba. Há um equilíbrio entre homens e mulheres na composição total da população, 52% e 48%, respectivamente, o que talvez denote uma aventura a procura de um lugar para fixação. Em relação aos escravos, aproximadamente 25,5% da população, esses números se invertem, os homens representam 48% e as mulheres 52% da população cativa.

Não se pode atribuir unicamente à crise da mineração, que se fazia sentir desde os inícios da segunda metade do século XVIII, o fator decisivo na ocupação do sertão. E mesmo a noção de que as terras férteis e excelentes pastagens, atestadas por Saint-Hilaire,¹⁷ permitiam o refúgio em *uma pequena agricultura de subsistência e/ou criação extensiva de gado*,¹⁸ tem sido colocada em xeque por observadores e pesquisadores interessados nas peculiaridades e complexidades do século XIX mineiro. Esses momentos iniciais da colonização faziam pressentir uma ligação

Goiana. Para Eschwege as terras deveriam ser transferidas a São Paulo também pela maior proximidade da capital desta com as terras do Triângulo. Iglésias informa que se atribuiu a separação a um motivo sentimental: "a paixão de um ouvidor goiano pela jovem Ana acinta de São José, conhecida como Dona Beija, que o levou ao rapto da moça; o ouvidor, para evitar complicações com o chefe de governo de Goiás, seu inimigo, pediu a D. João que Araxá e Desemboque passassem para Minas, onde seu julgamento seria mais fácil. IGLÉSIAS, F., op. cit., p. 372 et seq.

¹⁶ PONTES, H., op. cit., p. 55 e 78.

¹⁷ Cf. SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à Província de Goiás*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1975, p. 139 a 155.

¹⁸ BRANDÃO, C., op. cit., p. 26.

relativamente estreita com os setores dedicados às atividades de agro-exportação e que davam sentido à existência colonial luso-brasileira.

Caio Prado Jr., por exemplo, ao referir-se às áreas dedicadas à agricultura de subsistência explica:

Outras áreas particulares em que a agricultura de subsistência encontra condições propícias e ao longo das grandes vias de comunicação freqüentadas pelas numerosas tropas de bestas, que fazem todo o transporte por terra na colônia, e pelas boiadas que das fazendas do interior demandam os mercados do litoral [isso] é suficiente para provocar o aparecimento sobretudo nas grandes vias que articulam Minas Gerais, Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro entre si, de uma atividade rural que não é insignificante.¹⁹

Saint-Hilaire, de passagem pelo Sertão da Farinha Podre, denominação primitiva da região do Triângulo Mineiro, sugeriu uma dinâmica produtiva um tanto distante da atividade de subsistência tomada como involução resultante da retração provocada pela crise da mineração.

Os colonos da região, dizia o viajante francês, souberam tirar proveito dessa enorme vantagem. A criação de ovelhas, de porcos e principalmente de bois constitui sua principal ocupação, sendo que vários deles já possuem de 500 a 1000 cabeças de gado. Os negociantes de Formiga, que não é demasiadamente distante do arraial, costumam vir até ali para comprar bois e em seguida enviá-los à capital do Brasil. As terras de Farinha Podre são igualmente favoráveis à cultura do milho, da cana-de-açúcar, do feijão e do algodão, mas unicamente este último é exportado, devido à grande distância que separa o arraial das grandes cidades do mar.²⁰

¹⁹ PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 22ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 162-163.

²⁰ SAINT-HILAIRE, A. *Viagem à Província de Goiás*, op. cit., p. 151; PRADO JR. op. cit., p. 80.

Podemos imaginar pelos relatos de Saint-Hilaire que, desde os anos finais do século XVIII e com mais força na primeira metade do século XIX, o Triângulo Mineiro parecia integrar-se aos poucos no processo de formação do sistema capitalista.²¹

Nesse ínterim, Furtado lembra-nos que, *a descoberta do ouro fez acorrer para as Minas inúmeros representantes das casas comerciais portuguesas, além de vários homens que acabavam por se envolver em atividades comerciais, aproveitando de uma população sempre carente de produtos da área portuária e rural.*²²

Não nos parece exagerado intuir, mesmo na escassez de estudos específicos, que o Triângulo Mineiro, região engastada entre as áreas mineradoras de Minas e Goiás, participasse dessa dinâmica proporcionada pela atividade comercial e estivesse aberta ao fluxo, mesmo que em ritmo lento, de novas populações.

Desse ponto, torna-se possível compreender melhor a ação metropolitana, por meio dos governos das capitânicas, contra os índios e quilombolas visando a “limpeza” do território em um quadro de manutenção e controle da exploração colonial de acordo com seus interesses e o dos colonos²³. É preciso entender essa ocorrência no quadro amplo do processo de interiorização da metrópole, que revela o vínculo estratégico dos comerciantes, que se dirigiam para as minas, com os colonos ali fixados.²⁴

Como se pode observar na Tabela I, os escravos, em 1820, perfaziam um total de 417, homens e mulheres, o que de fato se constitui em um número ínfimo, se observada a extensão do território do Triângulo Mineiro, de acordo com o Mapa 1 em anexo.²⁵

²¹ FRANCO, Maria Sylvania de Carvalho. Organização social do trabalho no período colonial. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio (coord.) *Trabalho escravo, economia e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 143 a 192.

²² FURTADO, Júnia Ferreira. *Homens de negócio: a interiorização da Metrópole e o comércio nas Minas Setecentista*. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 24.

²³ LARA, Sílvia H. *Campos da violência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

²⁴ FURTADO, J. F., op. cit., p. 18.

²⁵ A partir da observação deste primeiro mapa, e de outros que virão a seguir, podemos notar a dificuldade de se diferenciar a região Triângulo Mineiro da cidade de Uberaba ao longo do século XIX. Procurando acompanhar as modificações administrativas regionais, antes de 1836 quando aparecer no texto a expressão Triângulo Mineiro

Entretanto, pode-se observar que, ao longo da primeira metade do século XIX, mais especificamente até o ano de 1856, a região do Triângulo Mineiro e a cidade de Uberaba, em especial, teriam suas atividades produtivas dinamizadas e diversificadas, por força de um movimento que a historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias conceituou, originalmente, como o processo de interiorização da metrópole²⁶, que iria proporcionar a abertura de novas estradas, a melhoria nas comunicações entre as províncias e o favorecimento ao povoamento e doação de sesmarias.²⁷

Abria-se, assim, desde as originais formulações de Dias, o caminho para uma crítica contundente da visão “aurificada”, que conforme Arruda,²⁸ condenou como a-históricas as regiões não claramente identificadas com latifúndio, mineração, monocultura e escravidão. Dizia ele:

[...] os anos 1780/1830 constituem-se no elo perdido da história econômica e social brasileira. Nublado pela trajetória vitoriosa do ouro e do café, remetem a segundo plano a produção de subsistência, a história do abastecimento, a dinâmica da economia mercantil de subsistência, a força da diversificação econômica, que é marca específica do período e, a partir da qual, é possível entender a emergência de um patamar mínimo de desintegração no mercado

significa que as assertivas e hipóteses formuladas dizem respeito ao núcleo urbano mais dinâmico da região até este período, ou seja, Uberaba. Após 1836 a expressão Triângulo Mineiro representa uma generalização constituída a partir da observação das particularidades da cidade de Uberaba.

²⁶ A interiorização da metrópole é entendida aqui como a emergência de um Estado forte e centralizador capaz de enfrentar as instabilidades sociais resultantes de três séculos de colonização e que ao mesmo tempo ameniza as divergências existentes no interior das classes dominantes, aparecendo a elas como ao conjunto da sociedade colonial como solução aceitável. Cf. DIAS, Maria Odila Silva. A interiorização da metrópole. In: MOTA, Carlos G. (org.). *1822: Dimensões*. São Paulo: Perspectivas, 1972, p. 160-186.

²⁷ Cf. *Ibidem*, p. 183. Ver também: LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação*. São Paulo: Símbolo, 1979, p. 59.

²⁸ ARRUDA, José Jobson de Andrade. Tensões sociais e conflitos políticos. D. Pedro e a mediação conciliadora. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 22, jan/jun, 2000, p.71-86.

*mundial, ou seja, um mínimo de articulação interna entre as diferentes regiões e zonas produtivas brasileiras; a existência de diferentes seleções de produção e variados padrões de acumulação nas regiões brasileiras; a emergência de um centro dinâmico capaz de integrar o conjunto e mesmo se auto-reproduzir, como é o caso de Minas Gerais.*²⁹

Lenharo, desde a década de 70 do século XX, também contribuindo para a compreensão menos cíclica da organização sócio-econômica no mundo colonial brasileiro, tomou a questão do abastecimento como uma temática política, baseando seu ponto de observação com mais freqüência na região sul de Minas Gerais, onde a economia de subsistência, diante da crise da mineração, direcionava o fluxo de seus excedentes, antes destinados às áreas de extração do ouro para o mercado do Rio de Janeiro. Ele expõe:

*Uma característica que enriquece o processo global de reordenamento da economia mineira refere-se à heterogeneidade da reorganização das forças de produção. Refiro-me ao fato de que a subsistência não foi o único setor da vida econômica de que se ocuparam os proprietários do sul de Minas. Nesta região, o tabaco converteu-se numa atividade bastante significativa, cujo centro mais conhecido de produção era o de Baependi; do mesmo modo, no norte de Minas, a cultura do algodão generalizou-se incrementando a exportação deste produto em ramos, em varas ou de manufaturas produzidas na região e consumidos principalmente por escravos. Ainda neste particular percebe-se como se complica a forma de se entender a economia de subsistência na perspectiva de uma seqüência regressiva. Nem toda a economia mineira refluíu para a subsistência. E nem toda a economia de subsistência estava fechada sobre si mesma, operando com baixo teor de produtividade, uma vez que era de natureza mercantil e voltada para o mercado.*³⁰

²⁹ Ibidem.

³⁰ LENHARO, A., op. cit., p. 75. Nesta mesma perspectiva de análise ver ainda: BOSCHI, Caio C. Nem tudo o que reluz vem do ouro... *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 11, jul/dez, 1994, p.33-42; FURTADO, J. F., op. cit., p. 29 a 86.

À medida que, mesmo lentamente, Uberaba (e o Triângulo Mineiro) foi se consolidando como centro abastecedor de gêneros de subsistência, a cidade beneficiou-se de um contexto de ampliação e diversificação das fontes de abastecimento que contribuiu para minar o poder político das áreas tradicionais nessa atividade.³¹

Sendo assim, as originais formulações de Lenharo, tanto sobre a economia, quanto sobre a política mineira e nacional na primeira metade do século XIX, subsidiam nossa tentativa de apreender as transformações pelas quais passou a sociedade uberabense, desde a segunda metade do século XIX, mas que têm as evidências apresentadas ainda no século XVIII, como procuramos mostrar anteriormente. Não deixando de destacar a importância numérica da presença dos escravos negros, já que esses são sujeitos centrais em nossa observação, todavia, buscando enfatizar a importância do contato de diferentes culturas e as experiências construídas conjuntamente – mestiçagem, isolamento, combates, enfim, lutas pela sobrevivência que não aguardam o século XIX para ocorrer – como fundamentais para a sociedade que vai tomando forma durante o Oitocentos e vê a primeira fase de sua formação concluída em 1856, quando foi elevada à condição de cidade.³²

Tanto Iglésias³³ quanto Lenharo³⁴ irão destacar o movimento centrífugo das populações mineiras proporcionado pela crise da mineração como decisivo na ocupação das terras férteis esvaziadas de Minas Gerais.³⁵ Deste modo, a região estabelecida entre

³¹ Cf. LENHARO, A., op. cit., p.137.

³² Ver LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. *A Oeste das Minas. Escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista. Triângulo Mineiro (1750-1861)*. Uberlândia. Tese (Doutorado), PPGG/UFU, 2002.

³³ IGLÉSIAS, F., op. cit., p. 366.

³⁴ LENHARO, A., op. cit., p.75.

³⁵ Caio Prado Jr. antecipou esta característica da movimentação demográfica da capitania de Minas Gerais, a partir do declínio da atividade mineradora, em meados do século XVIII. (...) *assistimos em Minas Gerais a um movimento demográfico centrífugo* (...). PRADO JR, C., op. cit., p.75.

os rios Grande e Paranaíba oferecia condições favoráveis a essa movimentação populacional, seja pela possibilidade de desenvolver-se nessas terras tanto as atividades agropecuárias de subsistência quanto as comerciais fomentadas pela mercantilização dos excedentes produzidos, ou ainda, por ir assumindo aos poucos o *status* de entreposto comercial, articulado entre os grandes núcleos urbanos do Sudeste e as regiões no Centro-oeste do Império. De vários pontos de Minas Gerais, afluíam os novos habitantes do sertão [...] *procedentes das comarcas do Rio das Mortes e Sabará. De Formiga, Tamanduá, Oliveira e outros pontos vieram muitas famílias transportando para Uberaba todos os seus haveres e seus escravos.*³⁶

Paulatinamente parecia ganhar concretude uma previsão de Saint-Hilaire, segundo a qual *Quando a região for menos despovoadada, [dizia ele] os moradores de outros lugares virão comprar ali os produtos que hoje encontram pouca saída, e tudo leva a crer que a fertilidade das terras de Farinha Podre lhe assegure no futuro uma grande prosperidade.*³⁷

Essas notícias espalharam-se por intermédio dos tropeiros, comerciantes, viajantes e observadores como Saint-Hilaire e Cunha Matos³⁸, entre outros. Entretanto, havia peças de propaganda mais efusivas e, quem sabe, mais eficientes na atração de novas populações. Vejamos, por exemplo, a carta escrita em 1827 pelo padre Leandro Rabelo Peixoto e Castro e enviada ao ex-presidente da província de Minas Gerais José Ferreira de Vasconcelos, atestando a “preciosidade do Sertão da Farinha Podre” e que resultaria, segundo Pontes, na imigração de famílias das comarcas de Vila, Rio das Mortes, São José e São João D’el Rei.

[...] *Não posso deixar de dizer que na minha viagem ao Sertão do Novo Sul da Farinha Podre vi talvez o mais fértil terreno da América; um campo de mais de 90 léguas povoado todo de Geralistas e*

³⁶ PONTES, H., op. cit., p. 87.

³⁷ SAINT-HILAIRE, A. *Viagem à Província de Goiás*, op. cit., p.151

³⁸ Cf. MATOS, R. J. da C., op. cit., p. 293 et seq.

*das melhores famílias, que não compreende gente ociosa ou de pouco porte (...); o mais abundante de águas, o mais próprio para criações por causa dos singulares capins sempre verdes e pelos bebedouros salitrosos [...].*³⁹

Em meio à narrativa de padre Leandro pululavam folhas de fumo de cinco palmos, mandioca de seis meses com raízes maiores que os de seis anos, bananeiras com cachos de 160 bananas, pé de algodão que dava meia arroba na primeira panha e oito linhas na segunda, ananases de palmo e meio de extensão, madeiras, os melhores ares puros e frescos. Não nos esqueçamos de que alguns desses gêneros eram fornecidos pela flora local e outros poderiam ter a sua produção incrementada pela interferência dos índios, principalmente aqueles dos aldeamentos.⁴⁰ O sacerdote parecia querer convencer o seu interlocutor não apenas de existência do paraíso terreal, mas de que ele o havia encontrado na Farinha Podre. Próximo de finalizar a carta, padre Leandro ainda revela: *O que, porém, mais engrandece este sertão é o poder ser navegado, importar e exportar o que quiser.*⁴¹

Não é possível concluir que tais elogios tenham surtido todos os efeitos que atribui a eles Hildebrando Pontes, ainda que Brandão também responsabilize a carta de padre Leandro pelo surto imigratório que atingiu a região, especialmente a cidade de Uberaba.⁴²

Segundo os dados disponíveis, a população do Triângulo Mineiro entre 1831-1832, chegou a 3942 habitantes, algo em torno de 1% da população da província, sendo que, no ano de 1835, somava 10.287 habitantes. Observa-se que há um movimento populacional, em direção a região, um tanto mais intenso nesse

³⁹ Esta carta foi transcrita de PONTES, H., op. cit., p. 89-90.

⁴⁰ Uma das observações de Cunha Matos diziam respeito à relevância dos resultados apresentados pela agricultura se comparados ao passado. Porém eram muito reduzidos levando-se em conta a quantidade de braços empregados e a tecnologia disponível. Cf. MATOS, R. J. da C., op. cit.

⁴¹ PONTES, H., op. cit., p. 90.

⁴² Cf. BRANDÃO, C., op. cit., p. 31.

momento (ver Tabela II em anexo). No conjunto da população da região, o percentual de escravos aproximou-se dos 38% (ver Tabela III). Nesse período, Uberaba manteve a predominância político-administrativa quase completa sobre a região do Triângulo Mineiro, como já visto no mapa I. A partir de 1836, essa situação alterou-se um pouco com a anexação do distrito de Sacramento à Vila de Uberaba como se vê no Mapa II (em anexo).

A partir de 1848, surgiu um paradoxo. À medida que a vila de Uberaba foi crescendo em números populacionais e financeiros, observamos a perda de sua influência administrativa sobre o conjunto da região do Triângulo Mineiro, marcada, principalmente, pela emancipação do município do Prata (ver Mapa 3, em anexo).

Ao mesmo tempo, notamos um fortalecimento da atividade comercial. Pontes expõe que *em 1858, a praça regurgitava de capitais fornecidas pelos Bancos Rurais Hipotecários criados para auxiliar as transações comerciais do interior.*⁴³

Entretanto, a abertura de novos caminhos ligando São Paulo a Goiás passando pela porção mais a oeste do Triângulo Mineiro e a navegação pela Bacia do Prata, entre outros motivos, impunham algumas dificuldades e restrições ao desenvolvimento econômico do município⁴⁴, ao deslocar para essas rotas parte da movimentação de mercadorias.

Não obstante, o comércio manteve-se dinâmico. Zaluar, referindo-se à cidade de Campinas, informa-nos, na década de 1860, das interligações desta com outros centros comerciais, Uberaba inclusive.

O comércio é pois ativo e florescente, porque é aqui o entreposto de Goiás, Uberaba e Franca, e outras povoações do interior com a Corte. Asseguram-me porém, que já foi muito mais importante e ativo com estes pontos; e assim mesmo ainda entram todos os anos, de Franca, quatrocentos a seiscentos carros, que trazem

⁴³ PONTES, H., op. cit., p. 91.

⁴⁴ Cf. GUIMARÃES, Eduardo Nunes. A transformação econômica do Sertão da Farinha Podre. O Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 4, jan/jun, 1991, p. 7-36.

*toucinho, algodão, queijo e feijão, que permutam por ferragens e sal em grande quantidade.*⁴⁵

É nesse contexto que Uberaba será elevada à condição de cidade, consolidando sua posição de influência política e econômica frente a outras localidades do Triângulo Mineiro, num momento em que se anunciavam profundas transformações sociais provocadas também pelo fim do tráfico de escravos e pela promulgação da Lei de Terras em 1850.

Mão-de-obra escrava e a subsistência mercantilizada

Diante de uma situação de pressão das áreas de agro-exportação e suas necessidades de reposição da mão-de-obra cativa, sobretudo o oeste paulista com a expansão da lavoura cafeeira, poderíamos supor que os trabalhadores escravos da região do Triângulo fossem transferidos, gerando lucros imediatos aos senhores locais, em virtude da valorização do escravo, e permitindo o recrutamento e uma utilização precoce dos trabalhadores livres disponíveis. Ao contrário, o que se observou foi uma estabilidade dos percentuais de escravos na região em relação ao conjunto da população.

Por volta de 1868, a população cativa totalizava 1636 escravos, um percentual próximo de 20% da população total (ver Tabela IV) apenas no núcleo urbano da cidade de Uberaba. Como entender esse movimento?

Segundo Slenes, a economia mineira da segunda metade do século XIX coloca-nos diante de dois sistemas escravistas: um de plena desintegração, outro de plena expansão, ambos frutos de situações determinadas pela proximidade ou distância com o setor exportador.

⁴⁵ ZALUAR, Augusto Emilio. *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)*. São Paulo: EDUSP, 1975.

Esse mesmo setor gerava efeitos multiplicadores...

As pessoas nele envolvidas precisavam comer e provavelmente compravam pelo menos uma parte de seus mantimentos. Além disso, o transporte de produtos de algodão para as regiões cafeeiras criava emprego para tropeiros, livres e escravos, que por sua vez estimulavam o mercado doméstico para milho, ferradura, pregos – e também pano de algodão. A produção de queijo, gado e toucinho para as áreas cafeeiras e seus centros urbanos também tinha ligações primárias e secundárias com a economia inteira, aumentando a procura de mantimentos, ferragens e têxteis e estimulando o emprego de pessoas nesses setores e no transporte, o que por sua vez dava mais um incentivo ao mercado interno para produtos agrícolas e manufaturados. E havia ainda ligações terciárias: o abastecimento dos tropeiros e dos condutores de gado bovino e suíno, no setor exportador e o suprimento dos fazendeiros e sitiantes criaram mais empregos no transporte, e que estimulava mais uma vez a procura no mercado interno.⁴⁶

Para Slenes, as regiões mineiras como o Sul, Oeste e o Triângulo beneficiavam-se da rápida expansão da cafeicultura paulista, revelando a diversificação das fontes de ofertas de gêneros de abastecimento.⁴⁷

Embora o processo de acúmulo de capital não tenha se apresentado estável e linear para essa região específica (se é que foi para alguma região), os efeitos dos benefícios provocados pela ligação com o setor agro-exportador puderam ser sentidos, primeiramente, no aumento populacional e, mais especificamente, na presença dos escravos, no cômputo geral dos habitantes da cidade de Uberaba no primeiro censo realizado no país em 1872.

O município de Uberaba e as freguesias sob sua jurisdição – Nossa Senhora do Carmo de Frutal e São Pedro de Uberabinha

⁴⁶ SLENES, Robert. Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escrava de Minas Gerais no século XIX. *Estudos Econômicos*, São Paulo, vol. 18, n. 3, set/dez, 1988, p. 449-495.

⁴⁷ Cf. SLENES, R., op. cit., p. 460, 1988. Ver também LENHARO, A., op. cit.

(que se tornariam mais tarde as cidades de Frutal e Uberlândia, respectivamente) – totalizavam 19.978 habitantes, sendo que destes aproximadamente 16% ou 3.302 eram escravos.

Utilizando as estimativas populacionais elaboradas por Libby para o Triângulo Mineiro, baseadas no censo de 1872, notamos que a população de Uberaba representava aproximadamente 30% da população regional, e sua população cativa representava 32% da população cativa total do Triângulo Mineiro. Segundo esse autor, a população total da região do Triângulo Mineiro era de 64.819 habitantes, sendo 54.271 livres e 10.548 escravos.⁴⁸

Diante desse quadro, similar para pelo menos três regiões mineiras – Triângulo, Oeste e Alto Paranaíba – Libby faz um alerta: *Embora a importância da escravidão, enquanto fonte de mão-de-obra, evidentemente estivesse se reduzindo nas três regiões no início dos anos setenta ainda não se poderia falar da instituição irrelevante ou residual.*⁴⁹

Alguns autores trabalham com a hipótese de reprodução natural entre os escravos como determinante para a estabilidade numérica do contingente de cativos em Minas Gerais durante o século XIX. Luna e Cano admitem que *a violenta diminuição da taxa de exploração e o relaxamento dos costumes (mestiçagem e casamentos) permitiram o crescimento demográfico.*⁵⁰

Os números levantados, principalmente aqueles em que é possível quantificar a população de escravos na cidade de Uberaba, parecem expressar um outro fator. Primeiro, a agropecuária de subsistência não era uma atividade de refúgio nem simplesmente de retração de mineradores desiludidos com a escassez de ouro e diamante. Segundo, a ligação com as regiões agro-

⁴⁸ Cf. LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista. Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

⁴⁹ Ibidem, p. 51.

⁵⁰ LUNA, Francisco & CANO, Wilson. *A reprodução natural dos escravos em Minas Gerais (Século XIX) – uma hipótese*. CEDEPLAR, 1982. p. 13. Mimeografado. Ver também: VENÂNCIO, Renato Pinto. A riqueza do senhor: crianças escravas em Minas Gerais do século XIX. *Estudos Afro-asiáticos*, n. 21, dezembro, 1991, p. 97-108.

exportadoras, devido não apenas à proximidade geográfica, mas às dinâmicas relações comerciais, permite um simultâneo fortalecimento político-econômico.

As evidências desse fortalecimento não se apresentam apenas no número de escravos presentes ao longo do século XIX na região do Triângulo Mineiro e, em particular, na cidade de Uberaba, mas também na dinamização das atividades agro-pastoris e comerciais bem como no aparecimento das primeiras indústrias e a chegada da estrada de ferro nas últimas décadas dos Oitocentos, ou seja, um claro processo e auto-reprodução.

Jorge Nabut oferece-nos um panorama sobre a existência de indústrias no final do século XIX em Uberaba. São cervejarias, colchoarias, fábrica de desfiação de fumo, de cigarros, de tecidos, carroças, bebidas, vinhos, além da fundição de sinos.⁵¹

Considerações finais

Procuramos ressaltar, aqui, o processo de formação da cidade de Uberaba. O eixo central adotado afirma a integração da região conhecida como Sertão da Farinha Podre ao processo de formação do capitalismo já nos meados do século XVIII.

A ênfase estabeleceu-se na demonstração da presença do negro na conformação da região, sejam os quilombolas do século XVIII ou os cativos do século XIX. Mas, em absoluto, restringiu-se a esses personagens, procurando destacar também a presença dos indígenas, dos colonos e dos comerciantes.

Tal procedimento foi parecendo cada vez mais necessário, à medida que se notava que o frutífero debate estabelecido entre historiadores, demógrafos e economistas, sobre as peculiaridades da província de Minas Gerais para explicar a permanência nesse espaço da maior população de escravos do Império, não

⁵¹ NABUT, Jorge. *Coisas que me contaram, crônicas que escrevi*. Uberaba: Ed. Vitória, s/d. p. 83.

marcava presença na produção historiográfica local, quando esta se remetia ao século XIX, no esforço de compreender o processo de formação da região consolidado no século XX.⁵²

As posições assumidas por essa historiografia local a respeito da participação dos escravos na constituição deste espaço – Triângulo Mineiro – vão desde o silêncio⁵³, passando pela afirmação da inexistência de indícios *de relações escravistas de grande monta na região*,⁵⁴ terminando por destacar o caráter “progressista” dos proprietários locais que, muito cedo, fizeram uso do trabalhador livre e se estabeleceram como abolicionistas de primeira hora.⁵⁵

Podemos observar que as posições que se vão adotando aqui enveredam por um caminho um tanto diferente daquele até então aceito. Não apenas em relação à natureza das atividades produtivas que na região se desenvolveram, mas ao tempo em que se evidenciaram, e à sua ligação com os interesses coloniais. Por outro lado, procuramos enfatizar a presença relevante dos negros escravizados, libertos e livres desde os momentos iniciais do processo de sua colonização.

Diante desse quadro o objetivo seguinte é tentar apreender as maneiras como esse “mundo” (o Triângulo Mineiro e a cidade de Uberaba em especial) se constituiu, e quais as aspirações e sentimentos desses negros escravizados. O ponto de partida escolhido alude a uma tradição de luta pela vida e resistência à

⁵² Destaco aqui algumas obras cruciais para o desenvolvimento deste artigo. MARTINS, Roberto B. Minas Gerais, século XIX: tráfico e apego à escravidão numa economia não-exportadora. *Estudos Econômicos*, v. 1, nº 13, jan/abr, 1983, p.181-209; LUNA, Francisco Vidal & CANO, Wilson. *Economia escravista em Minas Gerais*. CEDEPLAR, novembro, 1982, p. 01-14. Mimeografado; SLENES, R., op. cit., p. 449-453; PAIVA, Clotilde Andrade. *População e economia nas Minas Gerais do século XIX*. Tese (Doutorado), São Paulo, USP-SP, 1996, p. 229.

⁵³ Cf. GUIMARÃES, E. N., op. cit. Neste importante artigo onde se recupera a formação da região do Triângulo Mineiro desde o século XVIII não há referências ao trabalhador escravo.

⁵⁴ Cf. BRANDÃO, C., op. cit.

⁵⁵ Cf. REZENDE, Eliane M. Márquez. *Uberaba: uma trajetória sócio-econômica – 1811-1910*. Uberaba: Edição APU, 1992.

exploração elaborada por negros quilombolas, índios, homens pobres livres, dos quais os negros do século seguinte são herdeiros, cujas práticas parecem ter marcado profundamente a formação desta sociedade ainda no século XVIII. A segunda metade do século XIX marcará uma modificação no encaminhamento desta luta. Sob a iminência da instituição do mercado de trabalho livre os negros experimentarão formas diferentes de coação para o trabalho e as enfrentarão munidos basicamente de toda a experiência construída em torno da luta pela liberdade.⁵⁶

Por último, nota-se que um dos nossos mais argutos observadores, Cunha Matos, cedeu a um preconceito atávico, qual seja: o de atribuir aos escravos a culpa pelo lento progresso de nossas atividades produtivas, pela própria natureza boçal desses indivíduos que apenas se aproximavam da humanidade. Ora, ao que me parece, a historiografia brasileira, desde Antonil, possuía condições outras de explicação e julgamento da participação dos escravos (não apenas macroeconômica, mas também ao nível do cotidiano) no desenvolvimento sócio-econômico brasileiro, e que reduziriam sensivelmente a incidência de preconceitos na origem das explicações, frutos de observações incompletas.⁵⁷ É pertinente afirmar ainda que Cunha Matos não esteve sozinho nessa modalidade de interpretação sobre as razões de pobreza financeira e moral dos povos do sertão mineiro. *O excessivo grau de inferioridade do escravo [dizia Saint-Hilaire] leva-o naturalmente aos mais torpes vícios. O escravo não tem mais reputação do que um boi ou um cavalo e, como eles está à margem da sociedade humana. O senhor de escravos vê-se, assim, cercado de seres necessariamente abjetos e corruptos.*⁵⁸ A escravidão combinada com o isolamento característico do sertão e com o clima

⁵⁶ Cf. RIBEIRO JÚNIOR, Florisvaldo Paulo. *A conquista da liberdade*. 1997, p. 80. Monografia (Graduação em História). Departamento de História, Universidade Federal de Uberlândia, 1997.

⁵⁷ Cf. RIBEIRO JÚNIOR, Florisvaldo Paulo. *De batuques e trabalhos*. São Paulo, Dissertação (Mestrado em História), PUC-SP, 2001. (Cf. em especial a Introdução).

⁵⁸ SAINT-HILAIRE, A. *Viagem à nascente*, op. cit., p. 69.

tropical, tornavam-se elementos de nossa degeneração, que poderia ser superada pelos ensinamentos religiosos.

Ressonâncias desse incipiente racismo, travestido de racismo, puderam ser ouvidas por muito tempo na historiografia brasileira do século XX. Não surpreende que na pena do formidável Caio Prado Jr., o materialismo científico as reafirme.⁵⁹ Contudo talvez fosse inadequado, senão equivocado, atribuir, à historiografia local, estes mesmos qualificativos. Ao que parece a influência aqui se deve as teses que anunciam a incompatibilidade entre a escravidão e o desenvolvimento do sistema capitalista. A contrapartida, a ausência de escravos, explicaria sub-repticiamente o desenvolvimento regional, tendência que já se anunciava primitivamente. Articulava-se nestes sertões a não alienação de capitais em mão-de-obra cativa e uma visão de mundo burguesa atualizada em relação às mudanças reivindicadas nos tempos contemporâneos. A interpretação que se logrou aqui, como se observa, teve outro ponto de partida, buscando basear-se não apenas nas formulações teóricas mas em documentação disponível nos arquivos regionais.

⁵⁹ *Mas há outra circunstância que vem caracterizar ainda mais desfavoravelmente a escravidão moderna: é o elemento de que se teve de lançar mão para alimentá-la. Foram eles os indígenas da América e o negro africano, povos de nível cultural ínfimo, comparado ao de seus dominadores (...) A contribuição do escravo preto ou índio para a formação brasileira, é além daquela energia motriz, quase nula. (...) Certas conseqüências serão mais salientes: assim o baixo teor moral nela reinante, que se verifica entre outros sintomas na relaxação geral dos costumes, assinala e deplorada por todos os observadores contemporâneos, nacionais e estrangeiros. Bem como o baixo nível e ineficiência do trabalho e da produção, entregues como estavam a pretos boçais e índios apáticos.* PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 22ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 271-272, 276-277, 343-344. Para uma análise das influência das teorias raciais no pensamento social brasileiro ver VAINFAS, Ronaldo. *Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira*. *Revista Tempo*, Niterói, n. 8, agosto 1999, p. 01-12. CARNEIRO, Maria E. Ribeiro. *Procuram-se Amas-de-leite na historiografia da escravidão: da 'suavidade do leite-preto' ao fardo do homem branco*. *Em Tempo de Histórias*, Brasília, vol. 5, n. 5, 2002, p. 29-64.

MAPAS

Mapa 1: Mapa do Triângulo Mineiro



Fonte: Guia do Arquivo Público de Uberaba 1985-1995. Uberaba-MG

Mapa 2: Mapa do Triângulo Mineiro



Fonte: Guia do Arquivo Público de Uberaba 1985-1995. Uberaba-MG

Mapa 3: Mapa do Triângulo Mineiro



Fonte: Guia do Arquivo Público de Uberaba 1985-1995. Uberaba-MG

TABELAS

Tabela I: População de Uberaba em 1820 (escravos e livres)

LIVRES BRANCOS		LIVRES MULATOS		ESCRAVOS				POPULAÇÃO
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	PRETOS		MULATOS		TOTAL
				Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
344	316	307	237	196	212	4	5	1.621

FONTE: BORGES SAMPAIO, Antonio. *Uberaba: história, fatos e homens*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1971.

Tabela II: Estimativa Populacional entre 1831 e 1840

REGIÃO	POPULAÇÃO	POPULAÇÃO
TRIÂNGULO	3.942 = 1%	10.287 = 1,4%
PROVÍNCIA	397.282	718.191

FONTE PAIVA, Clotilde Andrade. *População e economia nas Minas Gerais do século XIX*. Tese (Doutorado), São Paulo, USP-SP, 1996.

Tabela III: Estimativa da População Mineira (escravos e livres – 1831-1832)

REGIÃO	POPULAÇÃO LIVRE			POPULAÇÃO ESCRAVA		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
TRIÂNGULO	1.318	1.148	2.466	916	549	1.465
PROVÍNCIA	131.726	138.190	269.916	77.320	50.046	127.366

FONTE: PAIVA, Clotilde *População e economia nas Minas Gerais do sec. XIX*. Tese (doutorado). São Paulo: USP, 1996

Tabela IV: Estimativa da População em Uberaba (1868)

LIVRES		ESCRAVOS		ESTRANGEIROS	TOTAL
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres		
2.982	3.063	858	778	260	7.681

FONTE: BORGES SAMPAIO, Antonio. *Uberaba: histórias, fatos e homens*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1971.

Tabela V: População Livre e Escrava do Município e Freguesia de Uberaba, por sexo, segundo o recenseamento de 1872

MUNICÍPIO OU FREGUESIA	LIVRES		ESCRAVOS		TOTAL
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	
Sto. Antônio e Sebastião de Uberaba	4.715	4.001	1.006	876	
TOTAIS	8.716		1.882		1.598
São Pedro de Uberabinha	1.764	1.719	270	275	
TOTAIS	3.483		545		4.028
Nossa Senhora do Carmo de Frutal	2.301	2.176	472	403	
TOTAIS	4.477		875		5.352

FONTE: Catálogo Histórico. Ano I, nº 6. Uberaba: Secretaria de Educação e Cultura, 1987.